



## O OLHAR DE HÉRCULES FLORENCE SOBRE O CORPO DAS INDÍGENAS DE/NO MATO GROSSO

Jessica Queiroz de SOUZA (UNEMAT)<sup>1</sup>

Silvia Regina NUNES (PPGL – UNEMAT)<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é dar visibilidade a análise de recortes de relatos de viagens escritos por Hércules Florence quando esteve de passagem pela até então Província de Mato Grosso, no Século XIX, por meio da Expedição de Langsdorff, atuando como naturalista. A análise teve como aporte teórico a Análise de Discurso (AD) francesa, fundada por Michel Pêcheux e outros pesquisadores na França (1960) e redefinida por Eni Orlandi no Brasil. Buscou-se compreender como o corpo da mulher indígena das etnias Guaná e Guató é discursivizado nos relatos de viagem, considerando a língua, a historicidade e a ideologia. A pesquisa mostrou como algumas palavras, que estruturam os relatos, marcam o posicionamento do europeu sobre o corpo das mulheres indígenas, ao desconsiderar a cultura, os rituais e tradições dos povos indígenas, descrevendo-as como destituídas de subjetividade, ou seja, objetificando-as.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso. Mulheres Indígenas. Hércules Florence. Mato Grosso.

**Abstract:** The aim of this article is to shine a light on the analysis of the excerpts of travel stories written by Hercules Florence during his transit through the once called Province of Mato Grosso in the 19th century, on board of Langsdorff Expedition, working as a naturalist. The analysis was underlain by French Discourse Analysis (DA), developed by Michel Pêcheux and other theorists in France (1960) and redefined by Eni Orlandi in Brazil. This work aimed to comprehend how the native female body of Guaná and Guató peoples are translated through the discourse on that storytelling, considering language, historicity and ideology. The research has shown how specific words, that systematizes the stories, mark the European projection toward native female bodies, when decontextualized from native culture, rituals and traditions from those people, describing them as deprived of subjectivity, in other words, objectifying them.

**Keywords:** Discourse Speech. Native women. Hercules Florence. Mato Grosso.

### Introdução

Pensar no Brasil em épocas anteriores é algo que fazemos com frequência, seja na escola ou na universidade, essa história nos preenche de certo modo, e nos faz refletir sobre o nosso presente. Porém, a história esconde várias entrelinhas, ou até mesmo algumas páginas

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL (UNEMAT). Cáceres – MT, Brasil. E-mail: jessica.souza@unemat.br

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Educação Superior da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), atua no Curso de Licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística. Cáceres-MT, Brasil. E-mail: silvianunes@unemat.br



sobre coisas e pessoas. O “esconder” aqui, vai além do seu sentido, pois esse silenciamento acontece muitas vezes em nossa reflexão, em nossa vontade de conhecer ou aprofundar nosso conhecimento sobre assuntos próprios da constituição da sociedade brasileira, e neste caso, especificamente, buscando referência na história da constituição do Estado de Mato Grosso.

Partindo da premissa de questionar a “aceitação” do que nos é contado e/ou ignorado, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de se trabalhar com a história em que somos inseridos, porém, descrita através de relatos de viagens, ou seja, a partir de outros olhares, neste caso, através da posição do europeu/eurocêntrico.

Ao demarcar o objeto, a partir da leitura do arquivo de relatos disponível sobre a mulher indígena, procuramos delimitar os escritos que se referiam ao corpo da mulher indígena, visto que se trata de um material complexo e numeroso e que por si só consegue abarcar uma série de problemáticas.

Os autores aos quais recorreremos não se limitaram apenas aos estudiosos da Análise de Discurso, foi necessário recorrer a outras áreas como a História e a Antropologia para se adentrar aos assuntos relacionados à história, tanto da Expedição e do Viajante, quanto das etnias Guaná e Guató aqui tratadas, que em especial foram estudadas com mais cuidado, pois ainda são poucas as pessoas que trabalham com esse assunto, e o maior apoio quanto a essa questão, veio dos trabalhos produzidos pelo Professor Doutor Jorge Eremites (...), que estuda essas etnias e em especial a etnia Guató, e que através de seus trabalhos pudemos ter acesso aos demais aqui citados.

### **1. - Relatos: fundadores de discursividades da “cultura brasileira”**

Após a abertura dos portos em 1808, o Brasil começou a ser mais visado por muitos estrangeiros que, movidos por razões diversas, vieram para o país na intenção de explorar as regiões ainda desconhecidas. Muitas dessas pessoas que aqui chegaram solidificaram suas atividades e fizeram história. Porém, houve aqueles que vieram na intenção de ser passageiro, e somente desbravar as “peculiaridades” existentes.

Nota-se que no século XIX existiram muitos viajantes que foram importantes para a historiografia, tanto brasileira, quanto mato-grossense, pois ao produzirem suas diversas formas de escrita e suas transcrições imagéticas, não só contribuíam para a ciência e memória (tanto brasileira quanto europeia), como também levaram consigo uma imagem cultural de nossa “peculiaridade”, através dos escritos que eles produziram em suas viagens que, segundo Campos (2012, p. 60) “‘produziram’ o projeto expansionista para a imaginação europeia”.



Os relatos produzidos pelos viajantes construíram um imaginário sobre o novo mundo, a partir do acesso a informações sobre nosso país, que até então era tido como uma “descoberta”, criaram-se as condições de apropriação desse conhecimento (NUNES, 1994, p. 49), que, de certa forma, era um privilégio, pois apenas uma pequena porcentagem de pessoas que viviam no Brasil tinha acesso a essa literatura de viagem. .

Com essa vantagem que o sujeito-leitor europeu possuía, ao ter esse conhecimento sobre as “descobertas” do Novo Mundo, o sujeito europeu constrói seu ponto de vista sobre todas as coisas narradas nos relatos existentes em solo brasileiro. Cria-se, então, uma história sobre as terras brasileiras sustentadas em um imaginário eurocêntrico, que desconsidera a cultura e as condições de vida próprias dos indígenas, por exemplo.

Os viajantes eram das mais variadas origens, sendo que a maior parte era de origem europeia, como Antoine Hercule Romuald Florence, mais reconhecido no Brasil como Hércules Florence, um francês, que, segundo a historiografia vigente, a partir de sua paixão por aventura, mais precisamente inspirado em Robinson Crusoe<sup>3</sup>, “por força do destino”, vem parar no Rio de Janeiro, e, após algum tempo, consegue um lugar como naturalista na expedição de Langsdorff, que tem inserida em seu destino de exploração a até então designada Província de Mato Grosso.

Florence, assim como vários viajantes, foi um dos primeiros a descrever os vários aspectos das etnias indígenas existentes em terras brasileiras e, em alguns casos, as únicas fontes de referência para o reconhecimento de uma etnia decorreram de relatos como os dele. Vários estudiosos basearam suas pesquisas em produções desses escritores/viajantes, porém:

Considerou-se que os textos tomados como fonte, não obstante expressar o ponto de vista, as noções e os espaços sociais dos seus autores, deixam escapar vestígios que permitem entrever as experiências e atividades daqueles que foram observados e descritos, cravando uma cunha nos discursos que obscurecem ou desconsideram as ações indígenas. (CASTRO, 2010, p. 16)

Em seus relatos, Florence descreve algumas etnias indígenas que habitam a província mato-grossense, em alguns momentos fazendo a diferenciação comportamental de um povo para outro, mais precisamente os Guató e Guaná, que são comentados com mais frequência. Ao diferenciá-los, ele coloca em questão muitos aspectos, dentre eles o corpo das indígenas, e tudo que se relaciona a ele, fazendo comparações com as mulheres europeias.

---

<sup>3</sup> É um romance escrito por Daniel Defoe, que narra o naufrago Robinson Crusoe, que passa por 28 (vinte e oito) anos preso em uma ilha, até ser resgatado. Há quem diga que o escritor se inspirou no naufrago escocês Alexander Selkirk que viveu por quatro anos em uma ilha do pacífico.



Ao discursivizar o corpo da mulher indígena, o naturalista descreve-a sem levar em conta as singularidades de pertencimento a uma etnia indígena, mostrando, a todo o momento, um funcionamento ideológico eurocêntrico.

Com base na Análise de Discurso (AD), teoria que estuda o discurso como uma prática social, fundada por Michel Pêcheux na França (1960) e redefinida por Eni Orlandi no Brasil, buscamos descrever e interpretar o modo como o corpo da mulher indígena é discursivizado através das pinturas e relatos de autoria de Florence, considerando o modo de funcionamento da memória na relação com as condições de produção da época, buscando compreender o funcionamento dessa memória produzida a partir da discursividade, pois para Pêcheux (1999, p. 52):

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Nos relatos constitui-se uma narrativa sobre as indígenas que se marca a partir da concepção de sociedade de um homem de posição conservadora, que preza pela organização familiar nos moldes europeus (diferente da organização social das etnias brasileiras naquele tempo), constituindo, dessa forma, um olhar diferente (eurocêntrico) sobre a cultura e os rituais indígenas.

Para Orlandi (2016), a narrativa possui como funcionamento o interdiscurso, uma memória discursiva, tendo em sua materialidade a constituição do sujeito que narra,

Ou seja, espaços que configuram sua inscrição nas formações discursivas em sua tópica, que ali se constituem, marcando o sujeito naquele espaço em sua historicidade. A narrativa como o modo de trânsito por este espaço constitui um enquadramento com sua forma material e significância. (ORLANDI, 2016, p. 22)

Na medida em que esse sujeito escreve a sua narrativa, ele automaticamente se inscreve nela, colocando traços que possibilitam essa identificação, juntamente com sua constituição sujeito-ideológico.

Os relatos de viagem foram essenciais para a formação da história, tanto do Brasil, como de outros países afora, mas, em especial o nosso País, foi, e continua sendo muito afetado pelo discurso produzido pelos viajantes, descritos em suas cartas, relatos, diários e também pelas várias iconografias que estes produziram.



Desde o “Descobrimento do Brasil”, tivemos muitos viajantes que por aqui passaram, e que carregaram consigo várias riquezas, e, uma delas foi uma história sobre nossa origem, nossa identificação. A Carta de Caminha, por exemplo, foi um dos primeiros documentos escritos em solo brasileiro, em que ele descreve os indígenas, como eles se comportavam, e todos os detalhes de como eles se comunicavam com os portugueses.

Além de Caminha, vários outros nomes por aqui passaram foram construindo o imaginário sobre as terras brasileiras, imaginário que se perpetua até os dias atuais, e que nos deixaram marcas profundas sobre nossa sociedade.

As formações imaginárias definidas pela Análise de discurso, não são relativas do sujeito físico e/ou empírico, elas se constituem a partir das relações sociais resultantes de suas projeções no discurso. Ou seja, nos processos discursivos acontece uma série de formações imaginárias, “que determinam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e a outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (PECHÊUX, 2001 p. 82).

A partir de Pêcheux (2001), podemos ver que o que acontece é basicamente um jogo de imagens, dos sujeitos entre si, e dos lugares em que eles ocupam na sociedade e nos discursos, sendo que esses discursos se perpetuam, resultantes de discursos anteriores que se manifestam através das relações de força e sentido.

Os modos como os viajantes da época colonial descreviam as terras, e os que aqui moravam, os indígenas, fez com que se criasse uma ilusão sobre o território brasileiro, produzindo um imaginário de uma atmosfera totalmente “exótica”, pois para o viajante havia um estranhamento, era algo do qual ele não estava acostumado. O apagamento da história, e o direcionamento de estranhamento, traz à tona um país exótico, folclórico, fora do habitual para o sujeito europeu, e como somos “frutos” de uma colonização fortemente eurocêntrica, acabamos por reproduzir os resquícios desse estranhamento para com nós mesmos, e principalmente com os indígenas.

Em “Terra à Vista: discurso do confronto: velho e novo mundo”, Orlandi (2008) relata sobre as primeiras escritas que “divulgaram” nosso país, e ressalta a importância que elas tiveram para a construção de nossa “identidade”, ou melhor, “o imaginário que se constrói para a significação do brasileiro” (ORLANDI, 2008, p. 20). Essa relação com o discurso do colonizador, como diz Orlandi (2008), cria um efeito de sentido, que nos coloca à margem da história, deixando de significar a nossa “liberdade” alcançada, vinda a se perpetuar o efeito colonizador, que se significa em nossa subjetividade.



A ideologia funciona como um apagamento de interpretação, que faz com que o sujeito enxergue a realidade como transparente (causando efeito de obviedade), negando a ligação entre linguagem e história, sendo que, como diz Orlandi (2008, p. 43), “[...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. Portanto, o sujeito é atravessado pela ideologia, e essa direciona os processos de identificação, que são determinados pelas condições de produção.

O discurso colonizador, que é determinado pela formação ideológica eurocêntrica, é o que nos dá o acesso para o reconhecimento dessa reciprocidade entre linguagem e ideologia, sendo que esta segunda, a partir de um processo sócio histórico, determina o discurso (colonizador), porém isso não é perceptível, causando um apagamento histórico e gerando um discurso sobre a cultura:

Com a característica importante de que, ao falar de “nossas” coisas, ressaltam-se sempre as suas “particularidades” (singularidades). Resulta que nós brasileiros somos singulares. Somos singulares em relação a quê, a quem? A um padrão-lá. O outro-europeu. O discurso da singularidade é o discurso da cultura (dominado pelo da “civilização”), que a historiciza. (ORLANDI, 2008, p. 56)

Os relatos existem desde o século XV, e as palavras que neles se marcam significam até os dias atuais. Hoje, quando vemos algo de excêntrico em nossa sociedade, temos o hábito de dizer; “a cultura brasileira é assim”, usamos a palavra “cultura” para explicar vários acontecimentos, de forma aleatória. O fato é que poucos problematizam a noção de cultura, e o porquê de nos relacionarmos a ela em quase todos os momentos que julgamos algo do qual não sabemos explicar. Segundo Ramos e Ferreira (2016, p.141), “essa preocupação em determinar suas margens acaba restringindo ou ampliando demais o lugar que lhe cabe, podendo, de forma pouco criteriosa, ser qualquer coisa”.

A fim de problematizar a noção de cultura e discursivizá-la, colocando em relação com a noção de ideologia, Ramos e Ferreira (2016), explicam que a cultura está ligada a historicidade de um povo e, quando pensamos em uma cultura de certo local, imaginamos todos da mesma forma, com costumes ligeiramente iguais, pois essa nos dá a ideia de organização de um todo, um coletivo que age da mesma maneira. Isso acontece devido às práticas históricas de produção e reprodução, que afetam o sujeito determinando suas práticas sociais (RAMOS; FERREIRA, 2016).

Segundo as autoras, a cultura, assim como a ideologia, é constitutiva do sujeito, portanto, o modo como certa sociedade é organizada, considerando todo o sistema que nela se



funda, atravessa o sujeito, persuadindo-o do modo como ele se comporta perante o social. Entretanto, isso não fica evidente, há um apagamento logo no momento de seu ato, que faz com que o indivíduo naturalize a sua conduta, fazendo-o acreditar que aquela maneira é a única de se portar, causando um efeito de obviedade.

Vale destacar que as autoras sustentam que a cultura é envolvida pela ideologia, mas uma se difere da outra, pois, como sabemos, o sujeito só se torna sujeito a partir do momento em que é interpelado pela ideologia, a qual tem a função de determinar os sentidos de dada cultura, ocasionando o efeito de igualdade dentro de um corpo social (RAMOS; FERREIRA, 2016).

Assim como a sociedade, a cultura também sofre uma espécie de transformação, de acordo com seu processo histórico e suas condições de produção, havendo então não somente a reprodução de suas práticas e rituais, como também a transformação. Portanto, a cultura está inteiramente vinculada com o social, pois ela só vem a existir através deste, que é formado “pelas formações imaginárias que funcionam no discurso e que medeiam a relação do sujeito com suas condições de existência, e dissociada da história” (RAMOS; FERREIRA, 2016, p.142).

Então, usar a cultura para se referir somente as músicas, festividades, as artes em geral, e tudo aquilo que não conseguimos explicar, é se limitar apenas pelo discurso do senso comum, assim como, aceitar o discurso do colonizador sobre o colonizado é se deixar levar pela “cultura” do outro, e sempre nos deixar a margem.

Após o período colonial, no qual os relatos de viajantes ganhavam destaque, podemos ver que os indígenas foram colocados como bárbaro-exóticos, considerando que o lugar de sujeito-autor desses escritos era construído pela posição sujeito colonizador. Assim como a carta de Pero Vaz de Caminha, mais tarde vieram os relatos científicos dos naturalistas e suas expedições, reproduzindo o discurso do colonizador, com base no seu lugar constitutivo de sujeito (eurocêntrico).

A partir disto, traçamos um percurso de descrição e interpretação dos relatos produzidos por Florence para compreendermos o modo como o olhar europeu produz efeitos de sentidos sobre as questões étnico-sociais, principalmente os voltados para o corpo da mulher indígena, uma vez que esses relatos dão visibilidade ao imaginário de uma identidade e o corpo indígena vai sendo significado e reproduzido pelo olhar eurocêntrico, que é atravessado por uma memória já significada no discurso europeu, mostrando diferentes formas de compreensão para esse corpo.



## 2. O corpo indígena produzido pelo olhar europeu

Segundo Orlandi (2012, p. 86), “o corpo do sujeito está atado ao corpo da cidade, ao corpo social”, pensando dessa forma, podemos entender que o corpo, de certa forma, produz sentidos em relação à sociedade em que o sujeito se constitui.

Ao colocar dessa maneira, conseqüentemente, entendemos que assim como a sociedade, o modo como o corpo é significado sofre as alterações de acordo com as exigências da mesma. Partindo de Orlandi (2012), pensamos o corpo indígena, que diferentemente da sociedade capitalista, que segue uma maratona de mudanças de acordo com suas “exigências”, possui em seu corpo o valor de uma tradição, que segue seus costumes passados de geração em geração, produzindo e reproduzindo rituais específicos.

Quando a expedição de Langsdorff passou pela até então Província de Mato Grosso, no século XIX, havia muitos povos indígenas, e em seus relatos de viagem Hércules Florence colocava todas as peculiaridades desses indivíduos, sempre muito detalhadamente, e em maior parte colocando sua opinião sobre as particularidades de cada povo, diferenciando e comparando sempre os povos Guató dos Guaná e vice-versa.

Ao diferenciar as etnias entre si, o viajante não só descreve a particularidade de cada uma, como também relata detalhadamente o corpo das mulheres indígenas, de modo que descreve a estrutura corporal de cada etnia, realizando comentários em algumas partes.

### 2.1 Relatos sobre o corpo da mulher indígena

Tomando como base a Análise de Discurso, que considera a materialidade do sujeito, onde o corpo significa, analisaremos os relatos de Hercules Florence, nos quais ele descreve as mulheres Guaná e Guató, suas características físicas, e tudo que se remete ao corpo da mulher indígena. A análise tem por objetivo compreender o modo como a mulher indígena é/foi discursivizada pelo europeu, e, conseqüentemente, como sua imagem foi (des)construída através de suas escritas.

Ao falar das mulheres Guaná, o viajante descreve da seguinte maneira:

As mulheres são bem feitas de corpo; têm um rosto interessante, os olhos ordinariamente apertados e um tanto oblíquos, o nariz pequeno, afilado, boca no comum grande, lábios grossos, dentes claros e bem implantados. (FLORENCE, 2007, p. 101)



Ao descrever a mulher Guaná, Florence a coloca como se estivesse descrevendo um animal recém-encontrado, do qual teria que catalogar como uma descoberta científica. O advérbio de intensidade “bem” funciona no relato produzindo um efeito de comparação que não está escrito, mas que convoca uma memória que sustenta que há mulheres que tem o corpo bem feito e mulheres que tem o corpo mal feito. Ou seja, se for “bem feita de corpo” há em funcionamento um padrão (um pré-construído) que regula o que seja bem e mal feita de corpo, e que produz efeitos de sentidos que assinalam que tais mulheres não necessariamente fossem bonitas, porém, eram “bem feitas” e não possuíam anomalias, o que pode ser indicado pelo discurso da anatomia, tendo como um referente a questão da saúde. Esse efeito de comparação fica demonstrado logo após a descrição dos traços das indígenas, colocando os detalhes de estrutura física de modo generalizado, como se todas fossem exatamente iguais, o que de fato faz com que presumamos que o imaginário sobre as indígenas poderia ser relacionado com os animais.

Se pensarmos sobre as questões corpóreas, considerando que a descrição é feita acerca da imagem da mulher, podemos fazer a seguinte pergunta, partindo de Florence: O que seria uma mulher “bem feita” de corpo?

Em seus relatos, o detalhamento sobre o corpo da mulher indígena é tomado por seus ideais, sustentados por seus valores ideológicos, traçando uma mulher diferente da “habitual” (mulher europeia), a partir de um olhar que produz efeitos de malícia, mostrando a mulher indígena como objeto. Hércules Florence descreve o corpo de uma indígena como uma possível mercadoria, mesmo que involuntariamente, e nos remete à memória do mercado de escravos, que antes de serem negociados observavam-se os dentes para diagnosticar se estavam em perfeito estado de saúde.

Quanto às mulheres Guató, Florence sem mais delongas as descreve: “A fisionomia das mulheres e crianças é interessante; quando moças, algumas são até bonitas” (FLORENCE, 2007, p. 104). Fazendo uma ligação ao modelo idealizado por um padrão de beleza, o viajante deixa de lado as mulheres mais velhas, e, de uma maneira seletiva, enquadra apenas as mais jovens e crianças com os atributos que possam ser consideráveis, pelo fato de chamarem a atenção.

Ao não caracterizar e nem descrever os traços físicos que o levaram a essa conclusão compreendemos um discurso que coloca em destaque um padrão pré-estabelecido, ou seja, “mulheres mais jovens, mulheres mais belas”. O operador argumentativo “até” representa, com efeito de conclusão, a forma de incompletude comparada com um padrão de beleza



européia, ou seja, ele representa a comparação de um modo inferiorizado, que não se têm uma beleza, porém que possuem alguns traços que podem concluir que “até” podem ser considerados belos.

Devemos considerar que os relatos do viajante fazem parte de um olhar eurocêntrico (sujeito europeu), regido por um determinado padrão de beleza, que a todo o momento está em busca de uma possível perfeição. Mesmo sem que perceba, sua concepção de beleza está determinada por uma formação ideológica que vem sendo construída, significando e se ressignificando a cada geração. Segundo Orlandi:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual o sentido se constitui nele. (ORLANDI, 2009, p. 32)

Ou seja, há sempre a reprodução de dizeres que já foram ditos e que se reproduzem de outra maneira, mas que se sustentam em algum discurso já existente. Estes dizeres acabam sendo parafraseados com o passar do tempo, criando novos aspectos, porém com o mesmo sentido. E esse é o funcionamento da ideologia.

## 2.2 O imaginário da mulher devassa

Sabemos que no período pré-colonial, em que os europeus chegaram ao Brasil, eram feitas algumas espécies de trocas entre os viajantes e os nativos. Para se ganhar a afeição dos indígenas, os colonizadores davam alguns “presentes” para eles, em troca de sua amizade e ajuda para achar matérias primas e, também, para se conseguir ajuda no trabalho pesado. Essa espécie de troca perdurou durante muito tempo, o que fez com que algumas populações indígenas se habituassem a essa “troca”.

Logo, ao citar o corpo das indígenas, Florence, já quase três séculos depois, faz uma generalização sobre o comportamento das mulheres Guaná, substantivando-as e objetificando-as como devassas, na relação que se constitui através dessa negociação entre indígenas e europeus:

“Reina entre elas a mais completa devassidão, tanto mais quanto os próprios maridos, desconhecendo o que seja ciúme, as entregam a estranhos com a maior facilidade, mediante algum dinheiro ou peças de roupa”. (FLORENCE, 2007, p. 101)



Em primeiro lugar, sabe-se que quem introduziu esse “costume” da troca na comunidade indígena foram os próprios europeus, mesmo com toda sua “castidade” e seus costumes regidos pela santa igreja, deixavam suas mulheres em seu continente e aproveitavam das mulheres que aqui residiam (mulheres indígenas), muitas vezes até abusando sexualmente das mesmas, tornando-as suas escravas sexuais, utilizando-as como seus objetos de prazer.

Florence, apesar de ser um homem com muitas referências positivas em relação ao seu trabalho, nesse quesito, se inscrevia numa formação ideológica eurocêntrica, que determinava seus relatos. Nesse caso, pela Análise de Discurso, poderíamos dizer que houve um esquecimento ideológico: “[..] ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia – por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes” (ORLANDI, 2009, p. 35).

O pensamento do viajante, determinado pelas condições de produção da época, em que as mulheres deveriam servir apenas aos seus homens, diferia em relação ao fato dos homens indígenas entregarem suas mulheres para outros, o que gerou completo estranhamento, logo colocando os Guaná com total diferenciação dos europeus, fazendo certa comparação com a família tradicional, e então se igualando com os Guató.

### **3. Relatos e resistência: considerações sobre uma análise**

Que os relatos de Florence foram importantes para a história da colonização brasileira e mato-grossense, é incontestável. Do ponto de vista estético, suas iconografias e aquarelas são referência da mais pura beleza. Porém, pudemos ver em suas palavras a significância e o modo como a mulher indígena é representada, e como os rituais e tradições dos povos indígenas foram desconsiderados, o que demonstra o funcionamento ideológico marcado pelo eurocentrismo.

Através de seus relatos, podemos compreender o quanto o indígena era tido como se fosse um animal aos olhos do europeu, pois o sentimento era de estranheza, de não reconhecimento como sujeito indígena, mas sim como objeto. As mulheres indígenas foram vítimas de posicionamentos maldosos, sustentados por determinações moralistas e julgadas por serem mulheres que se portavam, de acordo com as determinações moralistas, de maneira vergonhosa e deturpada da imagem feminina convencionalizada pela cultura europeia.



O que os relatos não mostram é que o corpo da mulher indígena se significa dentro de seus costumes e rituais, determinados pela sua cultura. A partir do momento em que o relato diz sobre o corpo indígena o apartando de seu grupo para interpretá-lo em relação a outra esfera que não a sua, ele passa a se dessignificar, pois é relacionado a outros costumes e hábitos, o que silencia a sua identidade indígena, porque fica atravessado por uma ideologia avessa a sua, conformado a uma identidade cidadina, dentro dos padrões normativos da sociedade.

Essa ideologia eurocêntrica nos atravessa até os dias atuais, sendo reproduzida em pleno século XXI, como é possível observar em alguns discursos que reproduzem uma supervalorização da cultura europeia, em detrimento da brasileira. E então fica o questionamento: deixamos de ser colônia? E quando a mulher, seja ela indígena ou não, será livre dos estereótipos traçados pela sociedade ideologicamente machista regida por um regime patriarcal?

## Referências

CAMPOS, M. **As mulheres indígenas no imaginário dos viajantes**: Mato Grosso - século XIX. 2012. 154p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS. Disponível em: < <http://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/M%C3%81RCIA-CAMPOS.pdf> Acesso em:18/07/2017.

CASTRO, I. Q. **De Chané-Guaná a Kinikinau**: da construção da etnia ao embate entre o desaparecimento e a persistência. 2010. 347p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP. Disponível em: < <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/chane-guana-kinikinau-construcao-etnia-embate-ente-desaparecimento-persistencia>> Acesso em: 12/09/2017

EREMITES DE OLIVEIRA, J. A história indígena em Mato Grosso do Sul, Brasil: dilemas e perspectivas. **Territórios e Fronteiras**, Cuiabá-MT, v. 2, n. 2, p. 115-124, jul./dez. 2001.

FONSECA, D. P. **O viajante Hércules Florence**: águas, guanás e guaranás. Campinas, SP: Pontes, 2008.

LEITE, E. F.; EREMITES DE OLIVEIRA, J. **'Faço parte da história desse jeito!': componentes da memória e da identidade de uma indígena Guató**. Tellus (UCDB) , v. 12, p. 127-146, 2012.



NUNES, J. H. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil Colonial*. Campinas: Unicamp, 1994.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas-SP: Pontes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Terra à vista!: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 2008.

PECHÊUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso* – uma introdução à obra de Michel Pechêux. 3. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Papel da Memória*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

RAMOS, T. V.; FERREIRA, M. C. L. Para além de rituais e costumes: o que podemos dizer sobre a noção de cultura em análise do discurso? *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista-BA, v. 14, n. 2, p. 139-154, dez. 2016. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/499/442>  
Acesso em: 19 jul. 2017.

FLORENCE, Antoine Hercule Romuald. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829* São Paulo: Melhoramentos, 1a ed., 1941; 2a ed., 1948; São Paulo: Editora Cultrix, 1977; Brasília: Vol.93 Edições do Senado Federal, 2007.